

O JESUS APOCALÍPTICO: RETOMADA DA QUESTÃO

Valtair Miranda (UMESP/SP)

Falar de Jesus é se referir a uma pessoa concreta que viveu e morreu na Palestina durante o governo romano no início da Era Comum. Estudiosos de sua vida, de uma maneira geral, concordam que as principais fontes sobre suas ações, seu ensino e suas palavras estão em obras de seus seguidores, que contem, apesar disso, tanto material historicamente seguro (memórias que retrocedem diretamente a Jesus) quanto historicamente incerto (interpretação dos autores e discípulos). Isso significa que a tarefa do pesquisador do Jesus histórico é analisar este complexo de memória e interpretação, a fim de distinguir o que poderia ser atribuído ao próprio Jesus e o que teria nascido de uma progressiva elaboração do cristianismo primitivo.

Nesta discussão do que é autêntico e do que não é, um dos temas mais importantes está relacionado com a expectativa escatológica de Jesus, ou a falta dela. Essa discussão não é nova. Na prática, retrocede a 1906, com Albert Schweitzer, quando publicou *The quest of historical Jesus*. Nessa obra, Schweitzer criticou uma série de *vidas de Jesus*, e defendeu apenas uma, a de Joahnnes Weiss. Para o pesquisador missionário, aquela era a única que conseguia compreender corretamente a mensagem de Jesus acerca do Reino de Deus, por entendê-lo como um profeta apocalíptico.

Escatologia e apocalipse

Antes de continuar, entretanto, é preciso indicar o que seria escatologia e apocalipse. Ao analisar os livros denominados de apocalipses, John Collins encontrou elementos distintivos recorrentes suficientes para poder apontar essas obras como inseridas numa mesma tradição literária, constituindo um gênero reconhecível. Nesses textos sempre existe uma estrutura narrativa na qual a revelação é descrita; o conteúdo sempre gira em torno de salvação escatológica (temporalmente futura) e realidades sobrenaturais presentes; as

realidades espaciais e sobrenaturais sempre envolvem a atividade de seres angélicos e demoníacos sobrenaturais; a existência de um outro mundo é um elemento constante. A partir disso, ele define “apocalipse” como um gênero de literatura de revelação com uma estrutura narrativa, na qual a revelação é mediada por um ser sobrenatural para um agente humano, revelando uma realidade transcendente que é tanto temporal, à medida que considera a salvação escatológica, quanto espacial, à medida que envolve outro mundo sobrenatural.

Collins ainda argumenta que dentro do mesmo conjunto então denominado de “apocalipse” existem tipos diferentes de textos que poderiam refletir grupos religiosos tradicionais. Estes apocalipses se dividiriam pelo meio da revelação e pelo tipo de conteúdo revelado. A mais clara e fundamental distinção que faz é entre apocalipse sem viagem celestial (que ele chama de tipo I) e apocalipse com viagem celestial (tipo II). Cada um destes tipos, por sua vez, poderia ser subdividido por seus elementos escatológicos: a) o tipo histórico, que inclui algum tipo de revisão da história, uma crise escatológica ou uma escatologia cósmica e/ou política; b) apocalipses sem revisão histórica, mas com escatologia cósmica e/ou política; c) apocalipses que não apresentam nenhuma revisão histórica ou transformação escatológica, mas somente escatologia pessoal.

Em função da definição proposta, Collins entende que só existem dois apocalipses dentro da Escritura cristã: um na primeira parte (Daniel 7-12) e outro no final da segunda parte (Apocalipse de João). Entre esses dois textos, muitos outros utilizaram a mesma forma de se expressar sobre o mundo, apesar de em seus contextos primeiros não serem conhecidos tecnicamente como “apocalipses”. Entretanto, isso não significa que não se possa denominá-los dessa forma.

É justamente na forma desses textos se expressarem que se detém Russell. Segundo ele, esses autores se preocuparam essencialmente em escrever sobre cosmologia, história e escatologia.

A visão cosmológica dos apocalipses confunde-se com astrologia ou astronomia. A preocupação era entender a ordem do universo, os segredos da criação do mundo, e como os astros do universo poderiam interferir no mundo das pessoas. Posteriormente, as descrições celestiais se tornaram mais rebuscadas. As especulações em torno do mundo celestial geraram as descrições dos céus, dos seus personagens, bem como do trono ou carruagem de Deus. Nessas obras, Deus aparece tão distante das pessoas que necessitará de toda uma constelação de seres para fazer a ponte entre o mundo dos homens e o seu trono.

A história também está em torno dessa visão de Deus. Para eles, Deus é soberano sobre a história, e a controla completamente. Ele criou o universo e está dirigindo a história para o seu fim. Com a preocupação histórica, surgiu a necessidade de sistematizá-la em períodos ou etapas, para indicar o controle de Deus sobre ela, bem como situar o leitor do livro no lugar em que se encontra no esquema histórico geral. Isso, bem como a estratégia de profecia *ex eventu*, propiciava ao visionário a possibilidade de prever os acontecimentos que estariam por vir. Sua visão histórica, por ser sistematizada, revela-se predeterminada. É uma forma cética e negativa de entender o contexto. Não há muito que o ser humano possa fazer, a não ser aguardar a intervenção de Deus para trazer o seu reino. Apesar desse esquema ser eminentemente pessimista, ele trazia um certo conforto para a audiência das comunidades em torno dos apocalipses. A história estava predeterminada por Deus. E dentro em breve ela chegaria ao fim. O sofrimento não iria continuar por muito mais tempo.

Como argumenta Collins num texto mais recente, “o principal impacto político da literatura apocalíptica não está em nenhum programa que possa implicar no futuro, mas em sua rejeição e condenação da presente ordem”.

Já a escatologia desses textos, segundo Russel, poderia ser dividida em “três ‘atos salvíficos’ operados por Deus e dados a conhecer por revelação divina: sua criação, seu controle da história e a vinda do seu Reino. E os três

eram essencialmente uma só coisa”.⁵ O conteúdo dos apocalipses poderia ser resumido nas ações: Deus criou, organizou e estruturou todas as coisas; isso levará a história a seu termo, bem como à implantação do Reino de Deus no futuro.

Dentro desse tema, os autores apocalipses registram:

- As dores de parto messiânicas. Para que o fim da história humana chegasse ao seu termo, eram necessárias as aflições dos últimos dias. Eram dias em que o mal perseguiria como nunca antes o povo de Deus, já prenunciando que os seus dias estariam no fim. Para eles, um pouco antes do fim, dias muito sombrios precisavam acontecer (como os seus próprios tempos). Uma grande tribulação viria antes do Reino de Deus;

- Sobre o Reino de Deus, três perspectivas gerais se sobressaem. Um reinado na Terra transformado; um reinado temporário na terra, seguido do reinado definitivo; e, em alguns momentos, um reinado completamente transcendente;

- A transcendência da morte. Os apocalipses exprimem a crença de que haveria algo mais após a morte, baseando essa perspectiva no caráter de Deus. Paralelo a isso, havia a convicção de que a outra vida era muito superior à vida cotidiana. O destino final das pessoas estava relacionado com o lado que ela escolheu para servir na terra;

- Junto com a perspectiva da vida após a morte, surgiram também as especulações sobre a natureza dessa vida, o tipo de corpo que se teria ou em que lugar se habitaria;

- Os apocalipses exprimiam a crença na ressurreição dos mortos, isso porque muitos dos seus conterrâneos estavam morrendo debaixo da perseguição estrangeira. Os justos, em função do caráter justo de Deus, deveriam voltar à vida para receber o benefício do seu martírio;

- A esperança de um juízo final, um dia em que os justos receberiam seu prêmio e os maus a consequência de suas maldades.

O Jesus apocalíptico

Entender Jesus como um apocalíptico, então, é vê-lo inserido dentro de extensa corrente judaica. É o que fez Weiss em 1892. Ele parece ter sido o primeiro estudioso de Jesus a entendê-lo como um profeta apocalíptico. Segundo este autor, Jesus anunciou e preparou as pessoas para a vinda de um Reino que era inteiramente a obra de Deus, que tinha dimensões políticas e religiosas simultaneamente. Jesus acreditava que Deus enviaria o Reino durante sua vida e seu tempo. Eventualmente, entretanto, ele veio a crer que deveria morrer para que o Reino efetivamente viesse. Jesus cria que seria o Messias, mas somente após sua morte.

Schweitzer aceitou a leitura de Weiss, e também viu a orientação escatológica como um elemento central em Jesus. Para ele, o dito paradigmático para compreender Jesus encontrava-se em Mateus 10.23: *“Se vos perseguirem numa cidade, fugi para uma outra. Em verdade vos digo: não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que volte o Filho do Homem”*. Através deste dito, Schweitzer entendeu que Jesus: - ***não instrui seus discípulos para passar seus ensinamentos, mas para avisar da urgência do arrependimento.; - vê a missão dos doze como o início do fim; - avisa aos discípulos que eles enfrentariam perseguição como parte da tribulação dos últimos dias.***

Quando os discípulos retornam dessa missão e reportam seu sucesso, Jesus crê que sua missão teria sido cumprida. Agora era só esperar o Reino. Entretanto, nada aconteceu. Isso fez com que ele repensasse suas expectativas. Refletindo na morte de João Batista e nas passagens servo sofredor (Isaías), veio finalmente a crer que Deus estava colocando sobre ele as punições do pecado de Israel. Sua morte expiaria o pecado do povo e o fim do mundo viria então com uma grande tribulação. Essa perspectiva o levou até a morte, esperando que ela marcasse a chegada do último dia.

Schweitzer e Weiss foram muito influentes e marcaram a forma como se compreendeu o Jesus histórico por várias décadas. Dentre os autores que os acompanharam, de uma forma ou outra, pode-se mencionar Rudolf Bultmann, Gunther Bornkamm, W. G. Kümmel e Joaquim Jeremias.

Somente em 1993 que essa situação sofreu considerável alteração. Foi quando o *Jesus Seminar*, formado por cerca de 70 estudiosos, publicou o resultado de vários anos de pesquisa sobre os ditos de Jesus. Para eles, Jesus não foi um profeta apocalíptico. Alguns pesquisadores do Seminário reproduziram de forma independente suas pesquisas, dentre eles John Dominic Crossan. Suas obras tornaram-se proeminentes, principalmente por causa da vulgarização que alcançaram. E com elas, Jesus tornou-se um sábio aforístico-proverbial (Borg) ou um camponês cínico (Crossan).

Apesar da força do *Jesus Seminar*, defensores do Jesus apocalíptico continuaram a se manifestar, como Bart D. Ehrman (*Jesus as na apocalyptic prophet*: 1999) e Dale Allison (*The continuity between John and Jesus*: 2003). Este último também escreveu *Jesus was a apocalyptic prophet* em 2001, na obra *The apocalyptic Jesus: a debate*, que reuniu outros três pesquisadores contrários a sua tese (Marcus J. Borg, John D. Crossan e Stephen J. Patterson).

Allison acredita que qualquer argumentação sobre o Jesus histórico precisa começar com uma hipótese a ser testada. Se ela não puder ser demonstrada, deve cair. Isso significa que é impossível estudar Jesus sem um paradigma. Ele reconhece isso, mas entende que seu paradigma está claro e demonstrado, qual seja, que Jesus foi um profeta apocalíptico do final dos tempos.

Como esse paradigma poderia ser demonstrado?

– Várias passagens de fontes diferentes mostram que antigos seguidores de Jesus pensavam o clímax escatológico como imediatamente perto (At 3.19-21; Rm 13.11; 1Co 16.22; Hb 10.37; Tg 5.8; 1Pe 4.17; Ap 22.20). Da mesma forma, Jesus esteve diretamente associado com João Batista, cuja

fala pública, segundo os sinópticos, fazia freqüentes alusões ao julgamento escatológico, concebido como iminente. Então, neste caso, para reconstruir um Jesus não escatológico seria preciso que tenha havido não apenas uma descontinuidade com seu antecedente imediato, como também com uma parcela significativa do movimento cristão posterior.

– Os evangelhos canônicos, tradições em Atos e as cartas de Paulo são unânimes em ver a morte de Jesus como a ocorrência de um evento escatológico (Mc 1.6; At 2.24; Rm 10.9; 1Ts 1.10).

– Segundo Marcos 15.33, quando Jesus morreu, surgiram densas trevas; para Mateus 27.51-53, apareceram fortes terremotos e uma ressurreição de mortos. Pela perspectiva do evangelista João, com a morte de Jesus ocorreu o julgamento do mundo (Jo 12.31) e a queda do reino de Satã (Jo 16.11). Já Paulo vê Jesus como primícias dos mortos (1Co 15.20). Estas passagens indicam o hábito dos primeiros seguidores de associar sua morte com a intervenção escatológica.

– A Palestina, no primeiro século, esteve dominada por escatologia profética judaica e escritos apocalípticos. Não apenas apocalipses tradicionais circulavam amplamente, como Isaías 24-27, Daniel e Zacarias 9-14, mas também livros como 1Enoque, Oráculos Sibilinos e Testamento de Moisés. Além disso, era o tempo dos manuscritos de Qumran, com altas expectativas escatológicas. Ou seja, a escatologia apocalíptica florescia nos tempos de Jesus. Isso significa que dizer que Jesus pregava o fim iminente é indicar que ele agia como muitos do seu tempo, como um homem da sua própria geração.

– Várias passagens do Novo Testamento comparam Jesus com alguns profetas apocalípticos contemporâneos. Em Lucas 7.33-34, Jesus é comparado a João Batista. Em Marcos 6.14, Herodes Antipas diz que Jesus era o Batista ressuscitado. Marcos 8.28 reporta que as pessoas viam Jesus como o Batista. Segundo Atos 5.35-39, Gamaliel comparou Jesus e seus seguidores com Teudas e seu movimento, bem como com Judas o Galileu e seu movimento. Tanto o Batista, quando Teudas e Judas, eram grupos movidos por

expectativas escatológicas ou esperança na restauração de Israel a curto prazo.

A conclusão de que Jesus foi um profeta escatológico estabelece uma ligação com sua tradição posterior. Ela parece explicar melhor o conjunto das tradições de Jesus.

Mas, o que dizer dos ditos. Eles poderiam reforçar esse paradigma? Seguindo Schweitzer de perto, Allison lista ditos que poderiam reforçar sua argumentação. Neles, Jesus fala da consumação como um evento temporalmente perto: ***Curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: O Reino de Deus está próximo***". (Lc 10.9)/ ***"E dizia-lhes: Em verdade vos digo: dos que aqui se acham, alguns há que não experimentarão a morte, enquanto não virem chegar o Reino de Deus com poder"***". (Mc 9.1)/ ***"Em verdade vos digo: não passará esta geração sem que tudo isto aconteça"***./ (Mc 13.30) ***"Se vos perseguirem numa cidade, fugi para uma outra. Em verdade vos digo: não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que volte o Filho do Homem"***". (Mt 10.23)/ ***"Jesus disse: 'Os céus e a terra se dobrarão diante de vós. E aquele que vive do Vivo não conhecerá a morte. Jesus não disse: 'Quem se encontra é superior ao mundo?'"***" (Tomé 111).

Apontando novamente para a tradição posterior dos seguidores de Jesus, Allison lista uma série de temas que, por serem recorrentes, indicam que os grupos cristãos, de forma consistente, interpretaram Jesus escatologicamente: - ***O Reino de Deus***; - ***Recompensa futura***; - ***Julgamento futuro***; - ***sofrimento ou perseguição dos santos***; - ***Vitória sobre poderes do mal***; - ***Compreensão de que coisas novas já estão aqui e agora***; - ***A importância de João o Batista***.

Baseado neste paradigma, Allison descreve as ações do seu Jesus histórico: Ele se dirigiu para os menos afortunados num período de crise social; entendeu o presente e o futuro próximo como tempos de sofrimento e catástrofe; proclamou a inversão das circunstâncias adversas para os justos; indicou que essa inversão estaria iminente; envolveu-se em atividades evangelísticas e de avivamento; promoveu a igualdade e fraternidade; dividiu o mundo em justos e ímpios; quebrou tabus religiosos; mediou o sagrado através de novos canais; exigiu intensa e incondicional lealdade; liderou um grupo de discípulos com seu carisma pessoal; compreendeu sua mensagem como produto de revelação especial; esperou por uma restauração paradisíaca do mundo; foi precursor de um movimento.

Em suma, Jesus foi um judeu visionário que demandou arrependimento diante de uma crise escatológica e interpretou sua própria pessoa e ministério em termos de cumprimento da Escritura judaica. Sua missão, como o último profeta, diante do drama cósmico, foi preparar as pessoas para o final escatológico. Apenas enxergando-o desta forma é que se consegue compreender como a morte de um homem pode ter mudado a vida de tantas pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLISON, Dale C. The continuity between John and Jesus. In: *Journal for the Study of the Historical Jesus*, 1.1, 2003, p. 6-27.
- COLLINS, John J. Introduction: towards the morphology of a genre. In: *Semeia*, 14, p 1-19, 1979.
- COLLINS, John. Temporalidade e política na literatura apocalíptica. In: *Oracula*, 2, p. 6-22, 2005. Disponível em: <
<http://www.oracula.com.br/numeros/022005/artigos/04collins.pdf>>.
Acesso em: 1 de outubro de 2005.
- EHRMAN, Bart D. Jesus as na apocalyptic prophet. In: *Perspectives in religious studies*, 27, 2006, p. 153-166.



MILLER, Robert J. (ed.) *The apocalyptic Jesus*. Santa Rosa: Polebridge Press, 2001. 168 p.

RUSSELL, D. S. *Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica*. Tradução: João Rezende costa. São Paulo: Paulus, 1997. 196 p.